



A. Estado, Poderes e Sociedade  
B. Estruturas Produtivas, Trabalho e Profissões  
C. Educação e Desenvolvimento  
D. Território, Ambiente e Dinâmicas Regionais e Locais

E. Cultura, Comunicação e Transformação dos Saberes  
F. Família, Género e Afectos  
G. Teorias, Modelos e Metodologias  
Sessões Plenárias

## OS AFRICANOS NA IMPRENSA PORTUGUESA

*Isabel Ferin Cunha, João Queiroz, Pedro Ribeiro, Rita Figueiras, Verónica Policarpo*

### Introdução

Esta comunicação é o resumo de um Projecto de investigação sobre a “Imprensa periódica portuguesa e os Africanos” patrocinado pelo CIDAC (Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral), desenvolvido ao longo dos anos de 1994/95. Os objectivos do Projecto visaram a análise da imprensa periódica portuguesa de grande circulação e a criação de uma base de dados sobre os Africanos em Portugal.

Cingindo-se à análise das peças jornalísticas, esta investigação analisou produto realizado, tendo consciência da sua inserção num ambiente mais amplo preconizado pelos estudos actuais da “Communication Research”. Esta propõe, para uma melhor compreensão dos Media, tanto a análise do produto como a geração (fontes, selecção, construção e controlo social da redacção), e os estudos de impacto, a longo e a médio prazo, na audiência.

O período de investigação corresponde aos anos de 1993, 1994 e 1995 e compreende os diários: “Público”, “Diário de Notícias”, “Jornal de Notícias” e “Diário Económico” (a partir de Abril de 1995); e os semanários, “Expresso”, “O Independente” e o “Semanário”. Eventualmente foram também analisados jornais de circulação mais restrita, como “A Linha”, “O Diabo”, etc., por focarem o tema “Africanos em Portugal”.

### Análise da Imprensa Periódica

#### Os temas

De uma forma geral, podemos afirmar que cada ano corresponde a uma problemática central tematizada pelos Media, independentemente de outras temáticas constantes, tão ou mais importantes do que a mais mediatizada.

Dos jornais e semanários analisados, pode-se concluir que o “Público” apresenta uma maior e mais constante cobertura dos temas relativos aos Africanos com 233 peças em 1993, 164 em 1994 e 215 até Agosto de 1995. Segue-se o “Diário de Notícias” e o “Jornal de Notícias” com respectivamente 138 e 49 peças para 1993; 123 e 86 para 1994; 124 e 129 peças até Agosto de 1995. Quanto aos semanários poder-se-á concluir que apenas o “Expresso” mantém com uma certa regularidade este tema em agenda, apesar desta agenda, ser mais visível ao longo do ano de 1993 e de 1995, enquanto os outros semanários apresentam uma cobertura mais esporádica.

Com base nos dados recolhidos podemos afirmar que o ano de 1993 foi o ano da Legalização dos Imigrantes Clandestinos (61 peças/soma de 2 ou mais peças mês por jornal) na sequência da aprovação da Nova Lei dos Estrangeiros e da Nova Lei de Asilo e em consonância com a Agenda Política, Governamental e Europeia, da aprovação dos Acordos de Schengen e da implementação do que se chamou Europa-Fortaleza.

No mesmo ano, e com grande incidência no mês de Janeiro tematizaram-se os Desalojados de Camarate e outros Desalojados, num total de 48 peças/ano. Nos meses de Agosto e Setembro os Media focaram com algum “calor” e grande colagem à Agenda Política (Aprovação da Lei de Asilo e Relatórios do Sistema de Informação e Segurança - SIS) a acção de Gangs de Jovens Africanos da periferia da cidade de Lisboa. De referenciar o espaço atribuído a estes temas pelos jornais conotados com a direita, como o “Independente” (6 peças em Agosto e Setembro sobre 11 peças no

ano), o "Semanário" (10 peças sobre 11) e "O Diabo" (8 sobre 9 peças).

Nos meses de Fevereiro e Março de 1994 esteve em cena o "Caso Vuvu" (cerca de 60 peças concentradas nos dois meses), alternando, espelhando e refazendo as Agendas Pública, Mediática e Política num jogo de bastidores políticos e institucionais que atiraram para segundo plano os actores físicos e materiais do Caso, ou seja, a família Souzé.

No entanto, a partir deste momento a questão da entrada e permanência dos africanos em Portugal adquire uma outra dimensão sócio/cultural e histórica bem patente no número de "líderes de opinião" que escreveram e escreverão daqui para a frente sobre este tema.

Do mesmo modo assiste-se a um aumento significativo quer de Iniciativas da sociedade civil (cerca de 52 peças) contra o racismo e em prol da sensibilização da opinião pública, quer de Incidentes (cerca de 39, protagonizados ora por civis ora pela polícia).

Em 1995 (de que só se possui os dados tratados até ao mês de Agosto), acentua-se a constante violência policial, que, não sendo propriamente tematizada pelos Media, é por nós reunida na palavra-chave Incidentes. Uma questão que tendo sido já esboçado no ano anterior nos incidentes entre africanos e a polícia, adquire em 1995 um volume em número de notícias e uma constância inegável (35 incidentes contabilizados até ao mês de Agosto).

Contudo, o "Caso Bairro Alto" ou o "Caso Alcindo Monteiro" é o acontecimento mediático por excelência (115 peças concentradas no mês de Junho) ao exorcizar em torno da morte de um jovem português de origem cabo-verdiana todos os mitos e fantasmas do chamado "lusotropicalismo". De referir os 61 "líderes de opinião" que escreveram (dos mais diversos pontos de vista) sobre este acontecimento no mês de Junho.

### As autorias

Quem são os jornalistas que mais trabalham com estas questões? De uma forma geral, pode-se afirmar que a maioria das peças sobre os Africanos nos jornais analisados não são assinadas, sendo contudo o "Público" o jornal com mais autorias. Por exemplo, para o ano de 1993, num total de 233 peças, 108 têm autorias sendo os jornalistas que mais escrevem, Fernando Semedo, 10 assinaturas; José António Cerejo, 7 e Rui Cardoso Martins com 7. No mesmo jornal, e para o ano de 1994 a proporção de autorias relativamente ao número de peças mantém-se, numa relação de 164 peças para 68 autorias com Rui Cardoso Martins e Luís Pedro Nunes a assinar respectivamente 7 e 6 peças. Até Agosto de

1995, para um total de 206 peças contam-se 76 autorias, sendo 9 atribuídas ao jornalista Luís Miguel Viana (só no mês de Junho e sobre o "Caso Bairro Alto").

Para os outros diários a relação peça/autoria diminui drasticamente, como comprovam os dados recolhidos, sobressaindo ao longo destes três anos a autoria de Cadi Fernandes no "Diário de Notícias". Nos semanários, ressalta a constância e continuidade de Frederico de Carvalho e Mário Robalo no tratamento desta temática no "Expresso".

### A opinião

Considera-se neste trabalho quatro tipos de artigos de opinião. O Editorial (nem sempre assinado) propõe-se esclarecer determinados assuntos polémicos na perspectiva da linha editorial do jornal. A Opinião apresentada por colaboradores permanentes ou pontuais, "especializados" ou "autorizados" nos temas, abre tendencialmente um espaço público de debate plural. O Comentário, mais focalizado num tema "do dia", é requisitado pelos jornais a especialistas de indiscutível representação social. Dentro destes pressupostos, o primeiro dado a constatar é a relação entre as grandes tematizações realizadas em torno de casos como os "Desalojados", o "Caso Vuvu", "Gangs de Africanos" ou o "Caso Bairro Alto" e o número de artigos de opinião publicados.

Assim, por exemplo, para o ano de 1993, os meses de Janeiro, Agosto e Setembro apresentam um maior número de "líderes de opinião", respectivamente, 5, 6 e 3 para o "Público"; 6, 2 e 4 para o "Diário de Notícias" e 0, 3 e 4 para o "Jornal de Notícias". Cruzando estes dados com os temas mais abordados, podemos ter como hipótese a existência de uma maior preocupação da opinião pública sobre a questão dos Desalojados e da Legalização dos Imigrantes Clandestinos em Janeiro a par e passo com a aprovação da Nova Lei de Asilo e de Incidentes com gangs africanos nos meses de Agosto e Setembro. Esta correspondência entre número de artigos de opinião e "tematização" torna-se mais evidente em acontecimentos como o "Caso Vuvu" em Fevereiro de 1994 e o "Caso Bairro Alto" em Junho de 1995. Para o "Caso Vuvu" no "Público", num total de 22 peças, 7 artigos de opinião focam directa ou indirectamente este tema, o mesmo acontecendo no "Diário de Notícias" (13 peças, 6 artigos). Relativamente ao "Caso Bairro Alto" para 49 peças no "Público" temos 27 "líderes de opinião" só no mês de Junho, abordando directa ou indirectamente este tema, enquanto no "Jornal de Notícias" para 18 peças, 13 são de opinião. No "Expresso" para 7 peças temos 3 que tratam directamente o "Caso Bairro Alto" e 4 que a pretexto deste mesmo caso opinam sobre Segurança Interna

e Racismo.

### A narrativa

No que se refere aos elementos presentes nas peças jornalísticas pode-se constatar uma contínua e constante recorrência a pessoas e instituições de poder, nomeadamente às instituições políticas e governamentais e a governantes. Em alguns casos, como por exemplo os “Desalojados de Camarate” ou “O Caso Vuvu”, o protagonismo dos actores principais - os desalojados ou a família Souse - é rapidamente superado pelas instituições ou pessoas de poder quer seja a Câmara de Loures, a Segurança Social, a Igreja Católica, quer ainda, os deputados, os bispos, os advogados e os ministros. O cidadão, o imigrante a pessoa, anónima e, por extensão, a Sociedade Civil têm de uma forma geral pouco espaço e uma referência temporalmente limitada na narrativa jornalística, do que são exemplo as peças sobre Iniciativas.

Uma outra característica da narrativa observada na imprensa diária e semanal é o apelo aos títulos e/ou leads eufóricos ou disfóricos, que cumprindo o seu papel - chamar a atenção - instalam uma narrativa épica de carácter espectacular e muitas vezes intimista. Exemplos poderão ser apontados em jornais diários e semanários e nos temas mais variados, por exemplo do “Público” do “Diário de Notícias” ou do “Independente”, com a seguinte sequência de títulos e leads :

*“Público” 1993:*

"Despejo vem sem aviso: Camarate 500 pessoas ao relento" (1/13);

"O 'direito' a ficar na rua: desalojados do Lar Panorâmico em Camarate sem apoio" (1/14);

"Não se ata nem se desata: Gabinete do primeiro-ministro diz que o problema dos desalojados é do município" (1/16).

*“Diário de Notícias” 1994:*

"Angolanas retidas no aeroporto depois de preencherem questionário em Português: Vuvu e Souzé assinam na ignorância" (2/13);

"Reunião da Família Vuvu festejada na Igreja da Portela: Graça liberta Grace" (2/16);

"Caso Grace Vuvu: Ministro pede recurso e Vera Jardim responde a notificação do MAI. Guerra sobre os Tribunais" (2/18) .

*“O Independente” 1993:*

"Aviso secreto" (9/3);

"Armas negras" (9/3) ;

"Exclusivo: Relatório Secreto sobre os Gangs - Alta Tensão" (9/3);

"Sindicatos de 'Sobas' " (9/3).

### A Construção da Base de Dados

Como metodologia de trabalho para a constituição da base, utilizamos uma grelha de análise, tendo como referente cada peça jornalística, composta pelos seguintes itens: ano, mês, dia; título, nome do jornal, tipo de peça, fotografia; autor/jornalista/fotógrafo; instituição e actores; indexação.

Todos estes itens deram origem a campos de recolha e, posteriormente, de pesquisa de dados. Para o campo - tipo de peça - foi feito um levantamento dos tipos e sua definição, por exemplo, notícia, artigo, reportagem, cartoon, etc.. No que se refere aos campos - instituição, actores e indexação - a necessidade de fixar, normalizar e estabilizar uma linguagem tem levado a sucessivos controlos de forma a permitir uma informação precisa e de qualidade.

A informatização fez-se com base no programa WinINFORM da empresa Softnet, ambientado em WINDOWS e que permite não só a consulta de imagens associadas a registos (por exemplo peças jornalísticas e fotografias) como pesquisa em texto livre.

### Conclusão

Como conclusão do trabalho, convém salientar que, tratando-se de um estudo de caso sobre os Africanos na Imprensa de grande circulação em Portugal, o que ressalta é a quase ausência de imagens dos africanos.

Essas imagens, esboçadas à sombra das problemáticas específicas e pontuais portuguesas, surgem coladas e à sombra quer da implementação política dos Acordos de Schengen em 1993, quer da aplicação nas fronteiras das Novas Legislações decorrentes desses Acordos em 1994, ou ainda em 1995, no quotidiano policial e acidental da execução no terreno dessas mesmas políticas.

Em quase todas as imagens esboçadas - seja nas peças jornalísticas seja nos artigos de opinião - , o Africano, enquanto cidadão ou imigrante é sempre um complemento ao Eu-português, reforçando o estereótipo da marginalidade, da carência e do exótico, ou ainda, quase compulsivamente, dando origem a uma auto-contemplação narcisística e histórica da identidade mítica.

Tendência narcisística que se acentua nos artigos dos líderes de opinião, na medida em que, à ausência do Outro se contrapõe a imagem mítica de um Português de fundo e tradições multiraciais e luso-tropical. Imagem que se mantém no centro da definição da identidade nacional mesmo quando é esboçada pela negativa e em contraposição a um outro Outro - o Europeu. Mas, se a ausência da imagem do Africano é notória, não é menos notório o facto do Europeu, quando referido, ter sempre uma imagem concretizada.

Esta constatação leva-nos a levantar algumas hipóteses referentes à construção social da realidade realizada pela imprensa e muito especialmente pelos líderes de opinião.

A primeira hipótese coloca-nos perante a “necessidade psicológica” de conservar e reforçar determinados elementos cognitivos estabilizadores daquilo a que Jorge Dias chamou a “personalidade” base do português. A segunda hipótese, coloca-nos perante a mesma “necessidade psicológica” mas de cariz oportunista, visto que, se para uns é crença, para outros é discurso político ou/e económico de persuasão e sedução. A terceira e última hipótese prende-se com as estratégias de resistência nacional e cultural de uma elite intelectual (seja de esquerda ou de direita) à globalização e massificação de referências simbólicas.

Sendo como é, um estudo de caso, em que medida as características e os elementos identificados são válidos para a compreensão do jornalismo e da sociedade portuguesa?

## Referências Bibliográficas

BERGER, P. e LUCKMAN, T. A construção social da realidade. Petrópolis, Vozes, 1994.

LUHMAN, N. A improbabilidade da comunicação. Lisboa, Vega, 1992.

MARCONDES FILHO, C. O capital da notícia. São Paulo, Ed. Ática, 1986.

SAPERAS, E. Os efeitos cognitivos da comunicação de massas. Porto, ASA, 1993.

Van DIJK, T. La noticia como discurso. Barcelona, Paidós, 1990.

Van DIJK, T. Discourse and Cognition in Society. In: Crowley, D. e Mitchell, D. Communication Theory Today. Cambridge, Polity Press, 1994.